

SHANKS, Michael. *Classical Archaeology of Greece. Experiences of the discipline*. Londres e New York: Routledge, 1996. 199p. + i-xiii, referências bibliográficas e índice remissivo.

Maria Beatriz B. Florenzano  
Museu de Arqueologia e Etnologia  
Universidade de São Paulo

**P**oderíamos classificar o livro de Michael Shanks como um manual de Arqueologia grega. Um manual no sentido em que o Autor pretende introduzir o leitor à formação desta disciplina e ao rumo que atualmente a Arqueologia clássica vem tomando. Ainda assim, não se trata em absoluto de um manual convencional: não poderia; pois, como o Autor assinala, ele mesmo percorreu um caminho pouco ortodoxo, tendo passado por várias atividades antes de desembocar na Arqueologia Clássica.

Para constatar o caráter não convencional do manual, basta observar o índice, onde Sherlock Holmes aparece ao lado de John Beazley; a discussão sobre Arte e Arqueologia é seguida por um capítulo sobre mitos e metanarrativas gregas e assim por diante.

O subtítulo diz bem o que o Autor pretende: delinear as experiências variadas da Arqueologia clássica. Experiências que, no passado, marcaram o desenvolvimento da disciplina; experiências comumente vivenciadas por alunos de Arqueologia clássica nos dias que correm e experiências de arqueólogos da atualidade.

Ainda que o livro tenha sido escrito – nas palavras do Autor – “para qualquer um que compartilhe o fascínio pelos traços materiais daqueles que criaram e viveram nas cidades-estado gregas e que gostariam de compreender o que os arqueólogos e outros fazem com eles” (p. 6), este é um livro que, pelo nível da reflexão que propõe e pela discussão a respeito de experiências contemporâneas da Arqueologia, dirige-se a especialistas e estudantes em vias de especialização. Neste ponto, ele obriga os especialistas a parar e refletir sobre o que, afinal, pretendemos com o exercício da nossa disciplina.

Em *Classical Archaeology of Greece*, Michael Shanks demonstra preocupação em inserir a Arqueologia Clássica na discussão por que vem passando as Ciências Humanas, neste final de século. Procura mostrar como a Arqueologia deve lidar com as fontes de modo a oferecer uma visão da cultura material que seja adequada ao pós-modernismo hoje predominante nas Humanidades.

Como tratar a Arqueologia Clássica a partir de uma perspectiva pós-moderna?<sup>1</sup>

A melhor maneira de fazê-lo é mostrando, em primeiro lugar, o comprometimento da disciplina arqueológica com ideologias específicas, objetivos políticos precisos, de acordo com cada momento da sua formação. Assim, como já havia feito Ian Morris em “Archaeologies of Greece”,<sup>2</sup> Shanks associa a consolidação da Arqueologia clássica como disciplina à necessidade da Europa do século XIX, de construir uma identidade gloriosa e dominadora. A academia se apropria, então, da Antigüidade ro-

<sup>1</sup> Pós-moderno é o termo que o próprio Autor emprega para qualificar a Arqueologia que professa.

<sup>2</sup> Morris, I. *Archaeologies of Greece*. In: Morris, I. (ed.) *Classical Greece. Ancient histories and modern archaeologies*. Cambridge, 1994, p. 8-48.

mana e grega, marcando, aumentando – e até inventando – glórias e realizações de seus “antepassados”.

Neste percurso o Autor se detem, como outros historiadores da Arqueologia Clássica, no papel dos viajantes, na problemática da independência da Grécia moderna em relação à Turquia, no marco representado pela obra de Winckelmann, no Romantismo e no Neo-classicismo, etc. etc.; mas, sempre procurando inserir o interesse despertado pela Antigüidade Clássica em um ou outro momento aos interesses políticos, às perspectivas culturais de cada época.

Dos sete capítulos do livro, o Autor dedica quatro aos vários fatores que desde o século passado foram moldando a Arqueologia Clássica como disciplina e dando-lhe o caráter que tem hoje. Um dos aspectos mais interessantes nesta descrição montada pelo Autor, fica por conta da análise sistemática que realiza de uma das mais importantes facetas na formação da Arqueologia Clássica – como disciplina – que é o estudo da cerâmica. Como é sabido, a cerâmica é um documento material que foi (e é) sempre muito valorizado pelas várias Arqueologias, graças à sua durabilidade. E, no caso da Grécia, vasos cerâmicos são encontrados em grandes quantidades. Muitos deles são pintados e considerados obras de arte ou de quase arte. No desenvolvimento da Arqueologia, a cerâmica foi sempre muito utilizada na datação de contextos arqueológicos, na definição e no estudo da difusão de estilos artísticos, na definição de rotas comerciais e assim por diante. Daí o interesse em abordar especialmente a história dos estudos cerâmicos. Além disso, é um tema que faz parte das preocupações atuais do Autor já que estuda a cerâmica coríntia orientalizante e pretende, inclusive, que este livro seja um ‘companion’ para a leitura de um outro livro seu – anunciado aqui – *Art and the Early Greek City State*. Ao tratar do desenvolvimento dos estudos da cerâmica Shanks não podia deixar de abordar com detalhes a obra de John Beazley. Mostra como o método Beazley de identificar e classificar os milhares de vasos cerâmicos pintados, “de acordo com um humanismo espúrio das mãos dos pintores (disfarçando uma taxonomia geral), tinha mais a ver com o olhar panóptico do estado de vigilância e controle do indivíduo ‘abstrato’ do que com qualquer outra coisa” (p. 41). Neste ponto, a obra de Beazley pode ser comparada – de acordo com a análise de Shanks – com a de Conan Doyle, onde se trata de colocar sob rédeas as doenças sociais (o crime). Ambos os autores – Beazley e Doyle – representam assim a sociedade vitoriana do final do século XIX e início do XX; sociedade sempre vígil dos “deslizes”, e por isso controladora da expressão das individualidades. John Beazley e Conan Doyle impõem a ordem a realidades aparentemente – para eles ao menos – desordenadas, descontroladas.

O quarto capítulo do livro é dedicado à formação atual do estudioso da Antigüidade Clássica. O interesse aqui reside no tipo de descrição que o Autor faz: trata-se de repassar – com um pouco de ironia talvez – as etapas a serem experimentadas pelos alunos de Arqueologia Clássica. Aborda desde as aulas de latim e grego até as experiências de campo, passando pelas Bibliotecas especializadas, relatórios de escavações, grandes enciclopédias (que aluno de Arqueologia Clássica não conhece a *Pauly-Wissowa*, o *Daremberg-Saglio* e o *LIMC*?) sem falar na *via crucis* pelas Escolas estrangeiras de Atenas e de Roma. A conclusão do Autor é que tendo em vista a quantidade de informação a ser dominada e, portanto, a erudição exigida, o percurso do aluno que pretende se tornar um especialista em Arqueologia Clássica é, quase sempre, absolutamente tradicional. Valoriza-se sobretudo a erudição que na maioria das vezes desemboca em pesquisas muito restritivas do tipo “A classificação dos polvos na ce-

râmica micênica pintada” (p. 17). Por outro lado, faz questão de enfatizar a ligação deste conservadorismo ao controle das posições chave de poder na profissão, por especialistas resistentes a mudanças que, através da seleção de alunos, de pareceres sobre quais pesquisas devem ser financiadas, etc., direcionam os iniciantes, descartando os não “enquadrados”. Chama a atenção, igualmente, para o tradicionalismo da maioria dos cursos de pós-graduação que orientam a formação de novos profissionais.

À medida que Shanks vai apresentando a história da Arqueologia Clássica, deixa entrever o que pensa ser o bom trabalho em Arqueologia hoje. Nos três últimos capítulos, procura explicitar melhor sua posição. Mas não o faz de uma maneira direta e sim indiretamente, através da apresentação e discussão de exemplos de trabalhos de outros arqueólogos e dos resultados por estes obtidos. Resume, portanto, criticamente – mostrando as virtudes e as insuficiências – as obras de Snodgrass, Morris, Whitelaw e outros. Através da apresentação dos trabalhos destes autores estabelece um diálogo com as mais recentes abordagens que predominam nas Ciências Humanas, principalmente na História.

Especificamente no sexto capítulo (p. 156-168), Shanks indica alguns temas e abordagens que vêm sendo empregadas ou trabalhadas com mais insistência pelos arqueólogos mais modernos, à procura de uma interpretação mais condizente com toda a “consciência” desenvolvida nos dias de hoje. Assim, rapidamente são revistos problemas da cronologia da Grécia antiga, do caráter *embedded*/engastado da sociedade antiga, da correta interpretação dos estilos artísticos, da religião e do ritual, do levantamento e ocupação do espaço.



O que podemos concluir é que para Shanks, tanto o Arqueólogo clássico como o Historiador não podem mergulhar no passado ingenuamente; parafraseando Eco, é preciso fazê-lo com “ironia”. O Arqueólogo tem que assumir a responsabilidade pelo conhecimento que constrói. Daí justamente a sua preocupação nos primeiros capítulos do livro em mostrar o comprometimento da Arqueologia com uma ou com outra ideologia/interesse político.

Shanks vê a Arqueologia como uma disciplina histórica e a História que professa é a História problema, a História efetiva. A construção de uma História cronologicamente sequencial e coerente não faz sentido, de acordo com a perspectiva do Autor, nos dias de hoje. A problematização do passado em termos de preocupações presentes é o princípio essencial que deve reger a Arqueologia Clássica de nossos tempos. Na trilha de Nietzsche via Foucault, Shanks afirma que “Uma história efetiva da Grécia segue a trajetória das formas históricas da verdade e do conhecimento, sem origem e sem fim, perturbando as narrativas fáceis de progresso (da antiga à moderna Europa), procurando manter-se aberta a mudar – a multiplicidade das coisas com as quais os arqueólogos lidam. A atitude é uma de perpétua vigilância e ceticismo em relação às várias histórias que são, de fato, filosofias da História porque reivindicam conhecer o sentido da História. Isto é o que pode ser descrito como uma atitude pós-moderna – transformar o que nos é dado em um problema, e não prover uma análise da verdade, mas sim uma investigação sobre a ontologia do presente” (p. 179).

Para Shanks o objetivo da Arqueologia é a reconstrução e compreensão do contexto social das

*coisas materiais*. Não se trata de procurar os homens ou as sociedades humanas através do documento material. Para o Autor esta atitude relega as coisas materiais para segundo plano e elas, na verdade, possuem uma realidade que ultrapassa os seus criadores, pois elas sobreviveram e as sociedades humanas, os homens não. Assim é que se trata de entender o documento material em si, de valorizá-lo como sobrevivente do passado. Esta valorização das coisas materiais faz com que a Arqueologia esteja misturada ao presente e não possa ser definida como um instrumento para se enxergar o passado, desde uma posição externa a ele. Nesse sentido, Shanks (p. 172) adianta respostas aos seus eventuais críticos como Renfrew, para quem o principal objetivo da Arqueologia é “a reconstrução dos modos de vida dos povos responsáveis pelos vestígios arqueológicos” e também “a explicação do porque eles tinham esse modo de vida e como esse modo de vida havia sido criado”.<sup>3</sup>

A postura de Shanks diante da Arqueologia leva necessariamente a uma preocupação muito grande com as fontes materiais, mas sempre dentro de uma perspectiva muito crítica, marcando sempre o caráter presente do documento material, ressaltando sempre uma autonomia relativa do mesmo. Nesta perspectiva, a temporalidade da Arqueologia é a atualidade que é definida como a conjunção não arbitrária de presentes: o presente do passado, o tempo da escavação e do trabalho sobre o passado e o tempo de ler o que já foi produzido.

A organização do documento material torna-se, ainda deste ponto de vista, muito mais do que o estabelecimento de seu inventário. É, na verdade uma organização crítica que enfatiza a maneira como o documento foi “apropriado” pelo presente e qual o interesse do homem atual por ele. A crítica à montagem de catálogos enormes e detalhados de artefatos da Antigüidade, catálogos que não saem da classificação e nunca chegam a qualquer tipo de interpretação sobre o modo de vida dos povos que fabricaram os objetos classificados, é uma crítica antiga, que data já de meados do nosso século. Ainda que o nosso Autor tenha razão ao se opor a esta forma de trabalhar com o documento material – pois, hoje são muitos os pré-historiadores e arqueólogos clássicos (ou não) que ainda professam este tipo de Arqueologia de catálogo – não fica claro se ele reconhece a necessidade do estabelecimento de repertórios sistemáticos, de catálogos enfim, como uma etapa do trabalho do arqueólogo clássico. Na verdade, não há uma proposta *de como* manusear, organizar, valorizar uma quantidade enorme de dados sem montar um catálogo. O que colocar no lugar de Beazley? Ou podemos desprezar Beazley como desnecessário?

Ao tratar do consumo que se faz hoje da Antigüidade Clássica, Shanks afirma textualmente: “O consumo do passado pode ser visto como uma troca: o passado renovado, reencarnado, assim como é levado para dentro de qualquer um, provendo material para a construção pessoal e cultural. Esta reciprocidade é o poder potencial da herança – o passado desenvolvido para o presente” (p. 182).

Fica evidente, portanto, que para o nosso Autor, a instrumentalização imediata – via História problema – da Antigüidade Clássica em termos de presente é um aspecto fundamental no desenvolvimento da atual Arqueologia. Dessa perspectiva qualquer explicação do passado pode ser válida e nesse sentido, acreditamos que esta é uma visão extremamente pessimista do trabalho do Arqueólogo, pois se podemos transformar a Antigüidade em *apenas* um instrumento do presente, precisaremos

<sup>3</sup> Renfrew, C. e Bahn, P. *Archaeology. Theories methods and practice*. Thames and Hudson, 1991, p. 11-12.

tanto dela quanto de qualquer outra coisa e poderemos também inventar qualquer coisa a seu respeito. Trata-se de um relativismo e ceticismo tão acentuados que nenhum centavo gasto com a pesquisa arqueológica que é hoje – como sabemos – tão cara poderia ser justificado.

Essa visão pós-moderna da Arqueologia não é em definitivo exclusiva de Michael Shanks. Neste seu manual ele simplesmente procura descrever este tipo de abordagem e mostrar através de exemplos como ela vem amadurecendo e se concretizando em estudos específicos.

Com efeito, este pessimismo, é o mesmo que se detecta nas obras mais teóricas de outros pós-modernos, como no artigo acima citado de Ian Morris. Felizmente, o trabalho que este último pesquisador realiza sobre as formas de enterramento e as estruturas sociais dos gregos, não comporta este ceticismo todo.<sup>4</sup> Ao contrário, é uma obra inovadora onde o conhecimento do passado não é instrumentalizado mecanicamente em função do presente e que demonstra que *através* do estudo apurado do documento material e sem desprezar todo o trabalho mais tradicional ( e comprometido com interesses ideológicos datados....) podemos sim compreender melhor a maneira como os gregos se organizavam socialmente. Queremos crer que o pessimismo de Michael Shanks manifeste-se apenas neste seu texto teórico e que o livro anunciado *Art and the Early Greek City State*, tal como a obra de Morris e de outros pós-modernos, também demonstre que o que procuramos é a compreensão e o conhecimento da sociedade grega, do homem grego, simplesmente porque o mergulho no passado faz parte da nossa cultura como de qualquer cultura.

---

<sup>4</sup> Morris, I. *Burial and Ancient Society*. Cambridge, 1987 e especialmente *Death ritual and social structure in classical antiquity*. Cambridge, 1992.